

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 22/03/2021.

CINTHIA LUCIA DE OLIVEIRA SIQUEIRA

**Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o
envelhecimento**

ASSIS

2019

CINTHIA LUCIA DE OLIVEIRA SIQUEIRA

Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em Psicologia (Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

ASSIS

2019

S618c Siqueira, Cinthia Lucia de Oliveira
Contribuições da teoria histórico cultural de
Vigotski para pensar o envelhecimento / Cinthia
Lucia de Oliveira Siqueira. – Assis, 2019
241 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: João Batista Martins

1. Idoso. 2. Universidade aberta da terceira idade.
3. Teoria histórico cultural. 4. Desenvolvimento
humano. 5. Envelhecimento. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos
pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento

AUTORA: CINTHIA LUCIA DE OLIVEIRA SIQUEIRA
ORIENTADOR: JOÃO BATISTA MARTINS



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOÃO BATISTA MARTINS
UNESP / Assis/SP

Prof. Dr. JOSÉ STERZA JUSTO
Depto. de Psicologia Social e Escolar / UNESP/Assis

Profa. Dra. ANA PAULA CORDEIRO
Depto. de Didática e Educação / UNESP/Marília

Profa. Dra. VERA MARIA ANTONIETA TORDINO BRANDÃO
PUC / São Paulo

Profa. Dra. MARIA INÊS BACELLAR MONTEIRO
UNIMEP / Piracicaba/SP

Assis, 22 de março de 2019

Dedico a meu pai.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Pública que resiste e insiste no conhecimento democrático.

Ao teatro, à literatura, às narrativas, às ciências humanas - que nos fazem gente.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)
- Código de Financiamento 001.

Às Profas. Ana Paula, Maria Inês, Vera e ao Prof. Justo, pela banca inesquecível.

Às (os) Colegas da pós-graduação que almoçaram comigo.

Às (os) Docentes do programa que me apresentaram novo mundo.

À Sueli, ao Marcos, ao João, e a todas (os) da secretaria, sempre alertas e gentis.

Ao Auro da biblioteca, pelo teimoso bom humor.

À Gerda, pelos carinhosos salgados secretos.

À Fundação Educacional Miguel Mofarrej por proporcionar o espaço da pesquisa.

Às estudantes da UATI, companheiras de páginas vividas.

Ao Caio, por saber o ponto exato da massagem.

Ao Lucas, que do caroço fez macieira crescer.

Ao Thiago, porque me enche de música.

Ao Nelsinho, pelo sagrado café das 6hs.

A Mamys, Quel, Rafa e Mary pela torcida “desorganizada”.

À Rúbia que nunca solta minha mão.

À Paula, pela alegria do tamanho do seu quintal.

À Angélica, sem ela não conseguiria.

À Odete, aquela mulher maravilha.

À Sylvia, que faz da amizade, obra de Arte.

À Joyce pela recarga quando minha luz vermelha acendeu.

Às árvores do campus de Assis.

À Angelita, pelo sorriso que devolveu ao João.

Ao João, por tanto... Por tudo!

SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2019. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia). - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

A pesquisa estudou um grupo de idosas participantes das disciplinas de literatura e teatro no contexto de uma universidade aberta da terceira idade. Por meio de uma pesquisa participante, cujo foco de observação e intervenção voltara-se ao potencial imaginativo, inventivo e criativo das estudantes nosso objetivo foi direcionar o olhar às idosas enquanto pessoas singulares em processo contínuo de desenvolvimento. Para tanto, refutamos o discurso que insiste em controlar e higienizar a velhice e propusemos um esgotar da vida, o qual implica em experimentar os dramas inerentes à existência - vivências fortes o bastante para propiciar a constituição humana enquanto obra de arte. Caminhamos sustentados pela teoria histórico cultural de Vigotski a qual aborda o processo de humanização a partir de uma visão prospectiva - resultante da imbricada e complexa relação entre o biológico de um lado e o social, o cultural e o histórico de outro. Após dois anos de acompanhamento do grupo foi possível compreender que a(o) idosa(o) nunca deixa de se reinventar, de construir novos modos de agir e pensar. Se na idade avançada há situações que dizem de um certo impedimento, ainda assim, é possível projetar-se para o futuro, submeter-se a conflitos e lançar-se a desafios. Tais considerações permitem uma ressignificação do processo de envelhecimento, deslocam a(o) idosa(o) da condição de sujeito do não, para sujeito do sim e sugerem novas perspectivas de atuação pedagógica na velhice, que ao invés de pautar-se na compensação do que falta e almejar o propagado envelhecimento ativo e saudável, pode atuar no fomento das potencialidades do envelhecer a partir da liberação da(o) idosa(o) para o acontecimento vital em sua plenitude.

Palavras chave: Envelhecimento. Universidade aberta da terceira idade. Teoria histórico cultural. Idoso. Desenvolvimento humano.

SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contributions of Vigotski's cultural historical theory to think about aging**. 2019. 241 p. Doctoral Dissertation (Doctoral in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

ABSTRACT

The research studied a group of elderly women participating in the subjects of literature and theater in the context of an open university of the third age. Through a participant research, whose focus of observation and intervention turned to the imaginative, inventive and creative potential of the students, our goal was to direct the eyes to the elderly as individuals in a continuous process of development. To that end, we refute the discourse that insists on controlling and sanitizing old age and proposing a depletion of life, which implies experiencing the dramas inherent in existence - experiences strong enough to propitiate the human constitution as a work of art. We are guided by the cultural historical theory of Vygotsky, which approaches the process of humanization from a prospective view - resulting from the imbricated and complex relationship between biological on one side and social, cultural and historical on the other. After two years of follow-up of the group, it was possible to understand that the elderly always reinvent themselves, to construct new ways of acting and thinking. If in the old age there are situations that say of a certain impediment, nevertheless, it is possible to be projected for the future, to submit to conflicts and to launch itself to challenges. Such considerations allow a re-signification of the aging process, move the elderly from the condition of subject of no, to subject of the yes and suggest new perspectives of pedagogical action in old age, which instead of being guided by the compensation of the which is missing and aimed at the propagation of active and healthy aging, can act in the promotion of the potentialities of aging from the release of the elderly to the vital event in its fullness.

Keywords: Aging. Open university of the third age. Cultural historical theory. Elderly. Human development

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 Metodologia - vestimenta do estudo	21
1.1 Aceite da implicação	21
1.2 Perspectiva histórico cultural de pesquisa.....	27
1.3 Perezhivanie - unidade de análise	32
1.4 Pesquisa participante	33
1.5 Diário de campo – registro	38
1.6 Análise dos dados – descrição densa.....	41
1.7 Afetos na/da pesquisadora	44
2 Paradoxos da longevidade	47
2.1 Velhice bate à porta	47
2.2 Envelhecimento e suas contradições	52
2.3 Dificuldade em se reconhecer velho	59
2.4 Viver o máximo e envelhecer o mínimo	63
2.5 Geração Cocoon	65
2.6 Quebra da ampulheta.....	69
3 Sentidos do envelhecer	74
3.1 Invenção da velhice.....	74
3.2 Representações do envelhecimento	79
3.3 Tempo interno	83
3.4 Idosos do espetáculo	86
3.5 Memória e resignificação.....	95
3.6 Formas originais de envelhecer	100
4 Universidades abertas da terceira idade	105
4.1 Terceira idade pede para entrar	105
4.2 Desígnios das UATIs.....	106
4.3 Foco nos aspectos orgânico-funcionais	111
4.4 Ocupação do tempo livre.....	115
4.5 Potência de vida na velhice.....	122
4.6 Desdobramentos pedagógicos.....	127
4.7 Mulheres da/na UATI	137

5 Aproximações entre a teoria histórico cultural e o envelhecimento	151
5.1 A questão da idade	151
5.2 Mudanças e instabilidades	154
5.3 Situação Social de Desenvolvimento	157
5.4 Fenômeno da <i>perezhivanie</i>	159
5.5 Zona de Desenvolvimento Proximal.....	165
5.6 O grupo como propulsor de deslocamentos.....	172
5.7 Brincadeira de idoso.....	177
5.8 Imaginação e criação na velhice	183
6 Análise de uma situação em especial	193
6.1 Contexto institucional	193
6.2 UATI estudada	195
6.3 A situação.....	198
6.3.1 Início de 2017.....	199
6.3.2 O drama	202
6.3.3 O devir.....	207
6.3.4 A vivência de Antônia	209
CONSIDERAÇÕES FINAIS	214
REFERÊNCIAS	223

INTRODUÇÃO

Minha história com a velhice nasceu no tempo em que os filhos não falavam, em um lugar não muito distante daqui...

Vou começar do princípio, quando fiz chegada a Ourinhos, depois de viver por mais de 20 anos em Piracicaba... A tentativa era assentar na tal terra vermelha – cidade do coração de ouro. Aconteceu por motivo de matrimônio, arranjei marido ourinhense e vim casada de nova, bem moça ainda - aluviada de amor, vigor e espera de muito labor.

Sucedeu tudo do avesso, a contragosto mesmo. Trabalho não existia e não foi por descuido ou acomodação - carreguei currículo até em fazenda de coronel, cruzei estrada de terra, trilho de trem, atravessei porteira, passei boi, boiada...

E no meio dessas andanças, trombei a caminhonete do sogro em uma brasília amarela, justamente no cruzamento principal da cidade de Ipaussu. A preferencial era da brasília, mas não havia placa de PARE.

- Ô minha senhora, mas todo mundo da cidade sabe que precisa parar aqui...

A caminhonete ficou inteira, mas a tinta amarela da brasília craquelou toda. Foi comoção plena na cidade. Porque o motorista da brasília era o Compadre Paciência (nome dele mesmo), dono da mercearia da esquina. O povo da cidade zelava pelo compadre, e eu, (intro)metida estrangeira fiz a pressão do Sr. Paciência decolar.

Veio a rádio local, dei entrevista e prestei depoimento para muito amigo do compadre. Não precisou delegacia, porque a autoridade estava lá também, presenciou tudo ao vivo e deixei minha palavra de fé de que iria consertar a brasília do dono da mercearia da esquina. Fiquei sem trabalho, sem tostão e com dívida na cidade.

Retornei a Ourinhos e lagrimei toda água guardada daqueles 8 meses de estiagem na nova cidade. Semanas mais tarde, São Pedro, generoso como ele só, rompeu a seca através de um telefonema-convite do diretor clínico de um hospital psiquiátrico que ficava em Piracicaba. É que antes de matrimoniar, deixei um projeto de trabalho por lá. Informei o marido:

- Eu vou!

E fui mesmo... Inundada de liberdade, ousadia e espera de muito sabor.

Eu e o marido ficamos sete anos morando em lugares distintos. Ele em Ourinhos e eu de volta à “Piracicaba que adorava tanto...” Na época, o esposo até tentou fazer carreira na cidade das pamonhas fresquinhas, mas não embalou e nos revimos na estrada... Trabalhei um bocado por lá - em hospital, prefeitura, associação. Concluí mestrado, dei aula na universidade e no meio do caminho, um filho, um pouco depois, mais um... Foi quando entendemos que era tempo de dividir o travesseiro novamente. Voltei a Ourinhos com filho recém-nato e outro pouca coisa graúdo.

Desta vez, conhecia o que me esperava e ainda assim cheguei... alagada de temor, resignação e espera de muito torpor.

Durante três anos vivi a maternidade, os encontros com mães na praça, na escola de natação, no futebol do clube, no supermercado. Fiz cortina para a cozinha, pintei os quartos e a sala, plantei jabuticabeira e limoeiro no quintal, desenhei enfeite de aniversário dos filhos, costurei boneca para vender, estudei flauta, entrei na aula de jazz. Passei roupa assistindo à sessão da tarde, comprei “juju” de uva no sacolão da rua, conquistei amizade do vizinho, tirei as rodinhas da bicicleta do meu primeiro filho, tirei a fralda do segundo, comecei a frequentar uma igreja batista, virei líder de jovens, realizei festa à fantasia sem álcool em casa, guardei Kombi do pastor na garagem, saí da igreja, entrei num grupo de teatro, improvisei piquenique no parque ecológico, construí armário com madeira de obra, terminei curso de corte e costura, ganhei camiseta em rifa de excursão, aprendi a fazer torta de frango, engravidei pela terceira vez, amamenteei na varanda, li “Cem anos de solidão”, também “Ensaio sobre a cegueira”, prestei vestibular para Direito, comecei faculdade de novo, viajei à Jacarezinho todo dia, tirei leite e congelei, prestei concurso para fiscal da receita, não passei, desisti de “endireitar”...

Foi quando abriu a livraria Nobel em Ourinhos e senti uma nostalgia danada! Lembrança dos tempos de Piracicaba, dos passeios à livraria para ouvir histórias com meu filho, de minha paixão pela palavra... Saudade da poesia (depois de um ano na dura letra da lei).

Entre na livraria e me anunciei como contadora de histórias. Disse que tinha experiência e que participava de um grupo de contadores em Piracicaba. Mentira! Verdade mesmo é que eu só desejava contar histórias... Eu até findara um curso de contadores no SESI em Piracicaba, mas no dia da apresentação final não fui, porque

meu grupo quis contar “A verdadeira história dos três porquinhos” e eu aspirava narrar “A Moça Tecelã”.

Nunca havia contado história para um público externo e a proprietária da livraria me contratou para participar do evento de inauguração da loja. Aceitei sem tremeluzir...

No dia de minha estreia a loja estava apinhada de gente. Eu, muito nervosa, levei a Rapunzel pro Alasca e fingi que ela tremia de frio. Depois disso, fui chamada outras vezes... Deu certo! Virei contadora de histórias.

Aquele trabalho me afoitara. Havia tempo que eu não abiscoitava ordenado por algo que realizava e era bem chato comprar “juju” de uva com as moedinhas do marido. Comecei a investigar emprego no jornal da cidade, sem muita seiva de encontrar algo na fonoaudiologia - meu curso de formação. Nessa caçada descobri um edital de fomento a produções culturais que a prefeitura promovia aquele ano. O prêmio na época me parecia uma abastança.

A fantasia de ser produtora cultural maravilhava a alma, mas eu me entendia inteiramente estranha a esse conjunto, ainda assim, escrevi um projeto de registro de narrativas orais com antigos moradores da cidade. É que eu estava envolvida com a contação de histórias e sentia o desejo de resgatar contos do povo.

Caprichei na redação, mergulhei em autores que conversavam com a tradição oral, com a velhice... Enviei meu projeto. Depois disso, o esqueci! Não tinha promessa alguma de que ele seria apreciado. E não é que foi?

O telefonema veio na segunda feira, durante um almoço apressado em família. A conversa do outro lado da linha partira da suposição de que eu havia lido meu nome no edital de contemplados. Fiquei perplexa e embaraçada com a fala do assessor da secretaria de cultura, mas disfarcei saber tudo. Euforia!

Foi agendada reunião com os 5 contemplados e eu estava lá, rodeada de pessoas que se conheciam e se comunicavam através de um forasteiro dialeto. Para alçar o ordenado havia léguas... Precisava formar o grupo de mulheres e iniciar a oficina, mas não qualquer oficina, a proposta previa que a mesma fosse de forma criativa, inusitada, contemporânea, que deslocasse as pessoas do lugar onde estavam, que sugerisse formas insólitas de ler o mundo, que agregasse as várias

linguagens artísticas. E eu nunca havia trabalhado com cultura e muito menos com idosos¹! E agora Cinthia Lucia?

É nesse ponto que a Universidade Aberta da Terceira Idade entra, pela primeira vez, em minha história... Na internet, pesquisei iniciativas de atividades culturais com a terceira idade² e encontrei o grupo de teatro da Universidade Aberta da Terceira Idade na UNESP em Marília. Enviei e-mail à professora-coordenadora Ana Paula Cordeiro explicando meu desejo de conhecer mais seu trabalho e me convidei a participar. Amável, ela abrigou meu anseio e, durante quatro semanas consecutivas, viajei à Marília para assistir aos ensaios do grupo. Aprendi um bocado ali e, admito, cobicei a professora, pois imaginei, naquele tempo, que devia ser a melhor coisa do universo lecionar teatro para a terceira idade – desejo remoto ainda.

Era hora de principiar minha própria oficina. Demorou até conseguir reunir o grupo de idosos com quem trabalharia... Visitei uma porção de instituições. Particpei de bailes da terceira idade e distribuí “folheto convite” nas mesas, conversei com a madre do asilo que só falava espanhol e eu não entendia lhufas, ajudei a fazer bolo para as reuniões de idosos nos centros de ressocialização da cidade a fim de expor meu projeto, ministrei palestra na UNIMED sobre preservação da memória como intuito de seduzir as alunas... Depois de tanto anúncio, no dia de iniciar a oficina – necas de idoso. Apareceu apenas uma participante, interessada também nas histórias, mas na faixa etária dos 30 anos.

Estava quase renunciando à quimera quando me falaram de um grupo de mulheres com mais de 60 anos que participava de um curso de alfabetização informal na Casinha da Esquina (centro cultural da cidade). Foi ali que encontrei terreno fecundo para as narrativas orais. Toda segunda e quarta eu aguardava a aula delas terminar e já emendava a oficina. No começo eu derramava insegurança,

¹ Vale destacar que utilização da palavra “idoso” está de acordo com a denominação oficial adotada pelos censos demográficos, pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelas políticas sociais que focalizam o envelhecimento, como a Política Nacional do Idoso (PNI) e, sendo assim, refere-se a todos os indivíduos que tenham 60 anos de idade ou mais. Partindo deste critério formal e para evitar diferentes conotações, ao nos referirmos a esse grupo de sujeitos utilizaremos o termo proposto.

² O termo “terceira idade” será utilizado em determinados momentos quando nos referirmos aos programas sociais que contemplam os idosos, porque essa é a designação assumida pela maioria dessas iniciativas. Em outros momentos, utilizaremos o termo velhice para nos referirmos ao período da vida em que se encontram as pessoas com mais de sessenta anos, porque entendemos que tal termo acorda com a designação de outros períodos - infância, adolescência, vida adulta... Como não há primeira e nem segunda idade, preferimos não aderir à criação da terceira idade, porque a compreendemos como uma tentativa de camuflar o envelhecimento, o que contraria nosso intento nesse trabalho.

temor, tensão. Para “quebrar o gelo”, levava chá, pipoca e um amigo para videografar os encontros. Sentávamos numa mesa de madeira extensa e proseávamos biografias... Elas não compreendiam ao certo o intento daquele encontro, talvez nem eu tivesse a dimensão do que sucedia ali naquele momento, porque a ansiedade e a preocupação estacionavam no compromisso de cumprir o projeto que eu escrevera.

O fato é que, sem entendimento mesmo, fomos construindo narrativas, afetos, vínculos... Após cada reunião, ao chegar a casa, transcrevia as histórias e, no encontro seguinte, lia a elas o escrito. Curioso que, no momento da escuta, as histórias transtornavam o pensamento, liberavam a ressignificação e imortalizavam a experiência – E era nesse momento, de revisão dos relatos, que o sentido da narrativa rebentava e alcançava a estatura do perene.

Transcorridos seis meses, era tempo de prestar conta dos resultados do projeto. Montamos uma apresentação das histórias pelas próprias protagonistas acompanhadas por um grupo de seresteiros; inauguramos a Casinha da Memória na cidade (museu de fotos e documentos); publicamos o livro “Broa Prosa”; editamos um curta-metragem que participou de festival do “Ponto Mis” e comemoramos as conquistas com muito “juju” de uva.

Depois disso, além de contadora de histórias, “graduei-me” como “oficineira” cultural e “entendedora” de idosos.

Iniciei no forasteiro dialeto da cultura, participei de eventos literários com espetáculos de contação, ministrei oficinas para professores, bibliotecários, alunos de graduação, dei aula de Projetos Interdisciplinares na pós-graduação de administração, biologia, farmácia, contabilidade, virei professora na graduação de Pedagogia e Artes, reabri consultório, coordenei especialização em literatura infanto-juvenil, apresentei trabalho acadêmico em congresso de leitura e escrita, montei espetáculo sobre coleta seletiva direcionado às escolas municipais da cidade a fim de conseguir dinheiro para apresentar trabalho no exterior, coordenei oficina da memória para um grupo de idosos da UNIMED, virei membro da Associação Brasileira de Alzheimer, da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e da Associação de Leitura do Brasil, inaugurei o Atelier da Linguagem, participei de montagens de espetáculo teatral como atriz, ministrei oficina de vídeo, fotografia e literatura em um ponto de cultura do Estado de São Paulo, organizei a programação cultural da biblioteca municipal da cidade, viajei para o estrangeiro com projeto

cultural premiado, trabalhei como formadora de professores no programa Escola da Família, conheci Portugal em evento acadêmico...

Portugal! Que sonho! O dito evento lusitano foi o “I Congresso Internacional de Cuidadores de Idosos da Universidade de Aveiro”. Cheguei neste por indicação de uma antiga docente da especialização – a Profa. Ivone Panhoca, que descobrira minha implicação nas questões do envelhecimento e me convidou a apresentar trabalho. Estava hesitante com a proposta, afinal, havia anos que não me envolvia com a academia enquanto pesquisadora. Minha relação com a terceira idade era essencialmente empírica e minha afinidade com a Universidade restringia-se a aulas esparsas de assuntos sortidos. A professora me incentivou e eu, assegurada por quem estimava - ousei. Enviei dois trabalhos – um que versava sobre o resgate de histórias de vida e outro sobre memória, linguagem e envelhecimento. Surpreendentemente foram aceitos e lá fui eu - sobrevoar o Atlântico pela primeira vez.

Como deliciosa surpresa, descobri que minha orientadora do mestrado – a Profa. Maria Inês Monteiro – também participaria do evento. Era meu retorno à interlocução acadêmica, às apreciadas mestras, a gratas vivências.

Conheci muita gente interessante, fiquei bestificada com a cidade, vaguei pelas vielas de Lisboa, me diverti com o pensamento literal dos portugueses, perdi o fôlego na praia do paredão, experimentei os ovos moles de Aveiro, me decepcionei com o famoso lanche – “Francesinha” - do Porto, contei história na livraria Gatafunho durante Festival Internacional de Contadores de História em Lisboa, contemplei o pôr do sol no oceano... Senti-me profundamente comovida e lagrimei toda água acumulada nesses anos de toró.

E foi na margem do rio Tejo, um dia antes de apresentar meu trabalho - saboreando o legítimo pastelzinho da freguesia de Belém, com a alma povoada de exultação e a mente de preocupação – que ocorreu a ideia de fazer doutorado na área de gerontologia. Assim, durante o congresso, apanhei referência de estudiosos da área, conversei com alguns pesquisadores, pleiteei doutoramento em Aveiro e terminei o congresso contando uma história de amor entre dois velhinhos - no mesmo tablado onde subiram importantes referências da área de gerontologia... Fora a Profa. Inês quem me encorajou ao doutorado e a contar a história que ela gostava.

De volta à colônia, averigui linhas de pesquisa, troquei e-mails com a Profa. Vera Brandão (da PUC de São Paulo) a quem fui virtualmente apresentada por intermédio de Celina (que já comparecerei a vocês). A Profa. Vera mal me conhecia e, sem saber, me impulsionou ao retorno para a carreira acadêmica – através do aceite para publicar meus artigos na revista que coordena, das indicações de bibliografia que me fizera na época e da gentil acolhida.

Rascunhei acanhados projetos, mas como era caloura no tema, temi não convencer. Como o desejo de fazer doutorado era prioridade, arrisquei projeto seguindo a familiar temática do mestrado - desenvolvimento e aprendizagem de escolares.

Meu orientador, o Prof. João Batista (na época, avaliador da banca para ingresso no doutorado) confiou que ia dar certo, mas alertou, já na entrevista, que precisaríamos ajustar os planos.

Com gratidão ingressei no doutorado e o João, sensível que é, percebeu de pronto que meu conforto era a narrativa e que meu leito poderia ser o idoso.

Com o intuito de agregar idoso, escola e narrativa, pensamos de início em formar um grupo de professoras aposentadas para colher narrativas que nos revelariam a historicidade da educação escolar em Ourinhos, no entanto, ainda matutávamos como e onde conseguiríamos tal grupo. Foi quando recebi um telefonema da coordenadora da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI)³ para lecionar a disciplina de literatura. Providência! Aceitei de pronto, afinal, era tudo o que eu precisava. Após seis meses chegou o segundo convite - lecionar também a disciplina de teatro – Um prêmio a mim que parei de invejar professores de arte dramática em geral, e à pesquisa, que ganhou em riqueza de dados.

Iniciado o processo, fomos bosquejando melhor o trabalho. O contato com as estudantes⁴ e com aquele universo, ainda insólito a mim, ia, sem pressa, abrolhando outras curiosidades, novas perguntas.

Nem todas ali haviam sido professoras, mas assumiam agora o papel de estudantes e foi nesse encontro entre a estudante de doutorado e as estudantes da

³ Esta é a sigla utilizada pela faculdade onde realizamos o trabalho. Em outras instituições podemos encontrar designações diferentes para programas semelhantes, como UNTI, UNATI. A fim de padronizar a grafia, utilizamos neste trabalho da sigla UATI para nos referirmos a todas as iniciativas de trabalho semelhantes.

⁴ No início da pesquisa o grupo de estudantes da UATI contava com 20 mulheres e um homem – este faleceu no final de 2016 e não foi contemplado em nossas análises. Por este motivo, ao nos referirmos ao grupo pesquisado utilizamos apenas o gênero feminino.

UATI que o desígnio da pesquisa demudou. Não era mais a história da educação escolar de Ourinhos que avultava, mas a nossa própria história.

Ajuizava a todo instante a que estávamos (eu e elas) ali. Qual era meu papel? Quais eram seus papiros? Por vezes perguntei a elas o que as movia à UATI, ao que me respondiam – o desejo de não acomodar, de trabalhar a mente e o corpo, de aprender. Aprender – a ânsia pelo conhecimento é incessante ao ser humano. Foi justamente essa imagem do inacabado, ou dito de outra forma, essa possibilidade do refazer e do reinventar por toda a vida, que movimentou nosso estudo a partir de então.

O que observávamos no processo das aulas não era simplesmente uma reunião de senhoras que se encontravam para ocupar o tempo ocioso, tão pouco para se divertirem despreziosamente. Ao saírem de casa, elas não apenas deslocavam-se externamente de um lugar a outro, mas deslocavam-se internamente de uma perspectiva a outra.

Ao contrário do senso comum, esparramado pela mídia, que preconiza o resgate e a manutenção de certas funções na velhice, o que as estudantes da UATI expunham era obra em construção e mais tantas outras plantas arquitetadas. Ao retocar o traçado de seus cursos de vida, elas podiam se localizar no tempo e no espaço, no devir⁵, no campo infindável de possibilidades.

Neste sentido, nosso trabalho partiu do pressuposto de que, ao entrarem no grupo e colocarem-se em situação de aprendizagem, as estudantes idosas eram lançadas a desafios e conflitos que as retiravam da orla de conforto e as reposicionavam em novas projeções. Isso porque, no contexto grupal, onde havia diversas experiências acontecendo e inúmeras histórias circulando, existia uma tensão entre: o individual e o social; o biológico e o cultural; o pensamento e a palavra; o intelectual e o emocional – embates geradores de tensões e propulsores de saltos criativos.

Diante destas reflexões, nosso trabalho pretendeu lançar vista na direção do potencial imaginativo e inventivo do idoso - um olhar que deslocasse o foco do

⁵ Devir aqui no sentido de movimento, transformação, mudança – prospecção de futuro. Conforme nos permite pensar a teoria histórico cultural de Vigotski.

sujeito dito velho⁶ para o sujeito aprendiz e, com isso, atribuisse novos sentidos ao processo de envelhecimento.

Para tanto, caminhamos sustentados pela teoria histórico cultural de Vigotski⁷ a qual nos ajuda a pensar o desenvolvimento⁸ e a aprendizagem a partir de uma visão prospectiva justamente porque não condiciona estes processos à categoria biológica-maturacional, mas porque entende que as novas formações psicológicas que constituímos ao longo da vida são resultantes da imbricada e complexa relação entre o biológico de um lado e o social, o cultural e o histórico de outro.

Acreditamos que tal perspectiva ofereça uma possibilidade nova de compreensão do processo de envelhecimento, uma vez que as teorias de desenvolvimento em geral não contemplam o idoso ou, quando o consideram, o fazem a partir de uma perspectiva orgânica cujo declínio, perda e limitação são inexoráveis.

Ao vislumbrarmos o devir a partir do vivido, das experiências ainda possíveis ao sujeito, dos embates que estes estabelecem com o grupo, dos movimentos de transformação interna e externa e de seus posicionamentos no papel de estudantes - pretendemos reposicioná-las enquanto idosas.

Para organizar este trabalho escolhemos um caminho didático pouco usual - iniciamos pela metodologia, porque precisávamos esclarecer, logo de início, que nosso texto buscou alcançar a complexidade da experiência no campo, já que a pesquisadora se fez implicada na pesquisa como participante e observadora.

Diante disto, ao invés de deixarmos nossas observações para o final do texto, fomos entremeando a experiência com a teoria ao longo de toda narrativa, porque tínhamos reduzido o teor de nossas observações se as deixássemos para o final e porque sabíamos que corríamos o risco de perder intuições valiosas caso não o fizéssemos no momento em que as situações nos afetavam.

⁶ Privilegiamos o termo idoso/idosa para nos referirmos aos sujeitos de nossa pesquisa e às pessoas com mais de 60 anos. No entanto, em alguns momentos do texto, nos utilizamos da palavra velho/velha, sem cunho pejorativo, mas com o intento de, em algumas situações, ressaltar e/ou amenizar o peso preconceituoso do termo e, em outras, de ser fiel à forma como alguns autores se referem à população de mais idade.

⁷ Utilizamos a grafia "Vigotski" no corpo do texto e, nas citações, a grafia apresentada no material utilizado para a realização desta pesquisa.

⁸ Vale ressaltar que para o autor o conceito de desenvolvimento é compreendido como movimento, transformação. Desta forma, ao utilizar este termo em nosso trabalho não nos referimos à ideia de etapas, níveis ou evolução linear, mas temos em vista a perspectiva de mudança, deslocamentos – avanços e retrocessos.

Outra escolha que nos permitimos foi a adoção de uma estética de texto mais narrativa, mais poética. Ao invés de direcionar nossas observações a uma dimensão lógica, cognitiva ou social, buscamos perseguir a complexidade simbólica experienciada no campo, porque compreendíamos o conhecimento como uma produção estética. Da afetação entre pesquisador e pesquisado constituímos uma vivência de trabalho e sentimos necessário acolhê-la a partir de uma narração que contemplasse as dimensões subjetivas implicadas em tal vivência.

Entretanto, essas implicações que vivenciamos ao longo do processo, muitas vezes não encontraram no significado literal da palavra o arcabouço para expressar a complexidade e a multiplicidade de sentidos que permearam a relação entre pesquisador e pesquisado. Para superar tal situação, utilizamos recursos metafóricos e metonímicos de escrita, os quais ambicionaram abrir um campo de possibilidades mais extenso e diverso e, por isso, mais coerente com o caminho que desejávamos.

Tais recursos, ora aproximaram-se mais da linguagem literária ora da acadêmica, na maior parte das vezes uma mescla de ambas, porque entendíamos que para expressar nossas percepções e envolvimento na pesquisa, ao invés de apenas utilizar a língua, mais valia encenar a linguagem – engrenar o saber no rolamento da reflexividade infinita. Tal como Roland Barthes (1978), sentíamos que através da escritura, o saber refletia incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não era mais epistemológico, mas dramático.

Para Barthes o que a escrita literária (ou escritura) coloca à frente não é o real e a fantasia, a objetividade e a subjetividade, o verdadeiro e o belo, mas tão somente lugares diferentes de fala. De acordo com o autor, “segundo o discurso da ciência — ou segundo certo discurso da ciência — o saber é um enunciado; na escritura, ele é uma enunciação” (BARTHES, 1978, p. 19).

Explica ele que, na lingüística, o enunciado está relacionado ao produto de uma ausência de enunciador, diferente da enunciação, que expõe o lugar e a energia do sujeito, muitas vezes a falta deste, que é diferente de sua ausência. Para Barthes (1978), a enunciação seria o próprio real da linguagem porque ela reconhece a língua enquanto um “imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios, de repentes; ela assume o fazer ouvir um sujeito ao mesmo tempo insistente e insituável, desconhecido e, no entanto, reconhecido” (p. 20).

O autor ressalta ainda que “as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, mas lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa”. (idem, p. 20)

E era essa a sensação que sentíamos ao escrever – uma “festa de saber”, porque cozinhado ao sabor das experiências, o que demandava uma linguagem que nos acolhesse enquanto pesquisadores e escritores e cujo ingrediente indispensável fosse o sal das palavras – porque entendíamos, como Barthes, que é “esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo” (BARTHES, 1978, p. 21).

O autor nos aconselha a escrevermos segundo a verdade do desejo – tantas linguagens quantos desejos houver. Seguimos nossa vontade e, algumas vezes, transportamos nosso texto para o inesperado, instituindo certa anarquia languageira – colocando o texto numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas da segurança e do discurso acadêmico, distraidamente, rebentaram.

Após a metodologia, no terceiro capítulo, trouxemos alguns apontamentos sobre o ideário que temos acerca do processo de envelhecimento, especialmente no que diz respeito a paradoxos e conflitos contidos no aumento da longevidade.

No quarto capítulo apresentamos reflexões de diferentes autores em torno do envelhecer e os vários sentidos que permeiam tal processo na academia o que nos subsidiou a discussão do envelhecimento sob uma perspectiva que pretendeu refutar a estagnação e vislumbrar a transformação.

No quinto capítulo discorremos sobre as UATIs – Universidades Abertas da Terceira Idade e seus objetivos com o intuito de oferecer um panorama acerca dos pressupostos contidos nos programas voltados a idosos e fazer um contraponto com diferentes possibilidades e perspectivas.

O sexto capítulo é dedicado à teoria de Vigotski com especial ênfase aos conceitos que nos ajudaram a pensar o desenvolvimento dos idosos potencializado por deslocamentos e rupturas.

No capítulo sétimo, a fim de amarrar as reflexões que fomos realizando ao longo do texto, apresentamos uma análise mais sistematizada e aprofundada de um processo de construção criativa vivenciado nas aulas.

Finalmente, no oitavo capítulo, tecemos nossas últimas e, ao mesmo tempo, preliminares considerações, que pretenderam enlaçar compreensões e desatar questões.

Vale dizer que pelo fato de termos escolhido nos posicionar enquanto narradores no trabalho de escritura os leitores perceberão que o texto tem suas idas e vindas, repetições e retomadas – estratégias próprias de um contador de histórias.

Como sugere Walter Benjamin (1994), por se tratar de uma narrativa, os relatos da pesquisa não pretenderam transmitir o “puro em si” da coisa narrada - da vivência de campo, como uma informação ou um relatório, mas sim mergulhar os fatos observados na vida do narrador/pesquisador para em seguida retirá-los dele. Como a mão do oleiro na argila do vaso, buscamos imprimir em nossa narrativa a marca de nosso tato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No pontilhado inicial de nosso caminho, creio que o encontro com as estudantes da UATI foi crucial para se estabelecer a grande vivência em que se constituiu essa pesquisa. Foi o conhecimento empírico que depreendemos da interação com elas que nos levaram a questionar a ideia de estagnação, manutenção e ou resgate do idoso.

Desde o princípio, a relação foi quem determinou como faríamos/fizemos a pesquisa, nossos caminhos metodológicos, nossa experiência vivida. E, se como sugere Silva e Silva (1986) - a prática tem primazia sobre a teoria, deixamo-nos levar pelas múltiplas afinidades que foram se estabelecendo nos espaços sociais em que pesquisador e pesquisado estavam inseridos porque compreendíamos que era necessário viver as relações para delas saber algo. E porque estávamos totalmente implicados nelas, nos sentimos o tempo todo em processo de aprendizagem, de transformações.

Procuramos analisar também nossas orientações teóricas, nossas histórias, nossas motivações e pretensões, porque fizemos parte da pesquisa e nossas ações foram produzindo efeitos que precisavam ser analisados. Compreendemos que houve, durante a pesquisa, desenvolvimento da pesquisadora, do orientador e das pesquisadas.

Não poderíamos perder de vista também que as emoções (moldadas por nossa experiência de vida) orientaram nossas interpretações sobre o que experimentamos – o que se aplica a nós e às estudantes. Assim, para evitarmos a camuflagem sobre os fenômenos interpretados, precisávamos ser honestos a respeito da natureza pessoal e emocional envolvidas e torná-las conhecidas em nosso relato.

Tentamos fazer o uso consciente das mesmas em prol de nosso processo de pesquisa – buscando descrever e interpretar os significados afetivos dos quais tínhamos conhecimento e que estavam impregnados em nossa vivência. Com certa cautela, fomos transformando o trabalho em uma festa do saber, porque adornada pela linguagem de nossos desejos. Foi assim que João me orientara.

Lembro-me do caderno brochura de capa dura azul que ele entregara a mim e as outras duas orientandas logo no início da pesquisa. Está aqui do meu lado agora – inteiro rabiscado. Dissera-nos na época que era para fazermos as anotações –

quanto cuidado! Era nosso primeiro encontro de orientação. Enquanto, da mesa da copa, eu observava seu gato que passeava livre sobre o fogão da cozinha, João desenhava os gestos e as palavras que nos acompanhariam por estes já quase quatro anos.

Ele compareceu o tempo todo à pesquisa, especialmente ao texto, porque a verdade é que escrevemos a nós e ao orientador. Foi ele o interlocutor de minha consciência; os outros - desconhecia.

Talvez o João não se lembre, mas certa vez, na escada da UNESP de Assis, enquanto conversávamos, nós, mais o pessoal do grupo de pesquisa, ele perguntou de meus escritos – respondi que estava lendo, ensaiando alguns parágrafos teóricos, mas que me angustiava ter que esperar até as análises para escrever aquilo que eu mais queria expressar – os movimentos das estudantes que vinham me afetando. E ele, talvez até meio displicente dissera – Escreva já. Seja feliz! Quanto conforto!

E assim fui fazendo, assim fizemos nosso trabalho - permeado por nossos afetos. Durante a súplica da escrita, nos esforçamos em considerar, explicitar, interpretar e compreender - ainda que não pretensamente o suficiente - o movimento não somente das estudantes, mas nosso próprio movimento, uma vez que nos sabíamos implicados e, por isso mesmo, transformados pelas relações.

O que se apresentou aqui foi resultado de nossa inserção na situação social pesquisada, não algo independente disso. Como sugere Lourau (1993), o vivido não foi um mundo à parte, mas a trama de todo percurso.

Certamente incorremos em descuidos e deslizos, porque sabemos que alguns ângulos de observação podem ter sido incompletos, parciais ou inadequados – miopias pessoais inevitáveis, que tendem a turvar a essência do fenômeno. Há aspectos esquecidos, ou não descobertos e reconhecemos que jamais daríamos conta de compreender toda a realidade. É possível que em determinados momentos tenhamos nos perdido na conceituação do idoso, porque por mais que tentemos procurar um sentido menos preconceituoso, somos parte dos discursos ecoados.

O importante é que fomos ressignificando o campo de pesquisa e nos refazendo ao mesmo tempo em que as estudantes foram igualmente se retocando e recompondo a própria pesquisa – porque não eram meros objetos, mas sujeitos de todo o processo – que não cessa com o fim desta tese. E acreditamos que deveria

ser assim mesmo, porque pensávamos a pesquisa como uma unidade do vivido, tanto para pesquisador como para pesquisado.

Da imersão buscamos leituras que clareassem o que estava sendo construído e nos deparamos com um confronto que nos representava um passo importante em nosso trabalho – porque, se por um lado os textos lidos apontavam para uma visão retrospectiva e nostálgica do idoso, de outro, as estudantes nos sinalizavam a possibilidade do devir, do futuro – o que nos sugeria uma contradição oportuna ao seguimento de nossa pesquisa.

As perspectivas dos trabalhos consultados atrelavam o idoso à falta, ao declínio, ao resgate do que foi e nossa prática sugeria outros pressupostos - do reinventar, do transformar, da (re)criação de si e do mundo – enquanto potencialidades de todo curso da existência.

Para embasar esses pressupostos e caminhar em solo mais firme, adotamos como referencial teórico a abordagem histórico cultural de Vigotski a qual nos permite pensar o envelhecimento no curso ininterrupto de desenvolvimento humano e nos aponta possibilidades para compreender os grupos de idosos (os) como espaço privilegiado de transformação interna - não pela perspectiva de lazer, colaboração ou ocupação do tempo; mas enquanto contexto de conflito e disputa com o outro e consigo mesmo – estes sim, propulsores de deslocamentos.

Acompanhamos as estudantes durante dois anos e, ao longo desse período, pudemos fazer e desfazer suposições, até porque, a complexidade da realidade foi nos mostrando que o desenvolvimento das aprendizes nem sempre era linear, havia avanço, mas também retrocesso; ganho, mas também resistência, transformação ao lado de estagnação. A abordagem teórica algumas vezes não respondia a nossas inquietações, outras, nos dava amparo necessário para reformular certas suposições.

A grande contribuição da teoria foi o conceito/fenômeno de perezhivanie o qual demorei a compreender (talvez ainda esteja em processo de compreensão). O orientador já havia me apresentado a ela, fiz leituras a respeito, mas foi a relação com as estudantes, mais precisamente, as crises que se instauraram nas situações sociais dramáticas da pesquisa, em que eu também estava implicada, que devagar me clarearam o entendimento.

Segundo tal conceito, nem toda experiência gera desenvolvimento e tampouco qualquer encontro com o outro promove mudança - é necessário que haja

a colisão, a contradição entre duas pessoas, um evento dramático. O que Veresov teorizava e João me explicava – era que somente quando uma situação social é circunscrita também pela emoção e experimentada como drama social é que ela passa a ser representada como uma situação que pode promover o desenvolvimento. Se eu quisesse compreender o desenvolvimento dos idosos, e eu queria, era o drama que eu deveria privilegiar nas relações e nas análises.

Compreendi que era no conflito, na contradição, no embate, que as estudantes reorganizariam suas estruturas internas, deslocariam de uma condição psicológica a outra, modificariam suas ações sobre o mundo.

Fomos propondo atividades e ao mesmo tempo buscando observar o movimento do grupo. Trouxemos para esse diálogo as situações que nos cativaram e não sabemos ao certo se houve grandes reviravoltas na personalidade das idosas, o que notamos foram amenas idas e vindas, sutis movimentações que não entendemos como evolução ou avanço, mas deslocamentos, rearranjos - desenvolvimento. Isso porque, discretamente, e, em certos momentos, as estudantes se reposicionaram, refletiram, questionaram e vislumbraram novas formas de existir – ainda que no plano imaginário e/ou prospectivo. Em outros, no entanto, resistiram, recuaram, negaram.

Nossa preocupação não era entender apenas como o meio, enquanto entidade absoluta exercia influência na nova forma do sujeito se relacionar consigo e com o mundo, mas especialmente, como essa mudança do sujeito interferia na reestruturação de suas relações com o mundo e na forma como esse sujeito percebia sua vida interior. Sabemos que houve limites para tais reorganizações, afinal, nenhuma estrutura pareceu radicalmente rompida. Na instituição da UATI ainda há mais regras seguidas do que questionadas, maior submissão do que transgressão, obrigação no lugar de deleite.

No entanto, por meio das atividades criativas, como o teatro, por exemplo, pequenas dissoluções e reestruturações nas relações que as aprendizes estabeleciam com o contexto à sua volta e com sua vida interior, foi nos sendo revelada.

Certamente minhas amarras pessoais contribuíram para os limites com os quais nos deparamos. Afinal, estou eu também aprisionada nas relações de poder instituídas e quebrar estruturas pode ser mais assustador a mim do que a elas.

Desta forma, a pesquisa constituiu-se vivência transformadora a mim também, porque fui tomando consciência, fazendo interpretações e atribuindo relevância a minha própria relação com todo o processo. Trabalhar com idosas trouxe-me a consciência e a possibilidade de pensar em rupturas radicais. Um dia, talvez.

O mesmo foi acontecendo com as aprendizes, conforme interagiam no grupo, refratavam a realidade vivida e atribuíam novos significados ao curso de suas vidas. Do que depreendemos que o idoso tem futuro, porque tem movimento, mas não só isso, ele e nós nos transformamos à medida que tomamos consciência de nosso movimento, sendo que este não se revela apenas no conteúdo das experiências em si, mas na forma como nós, os envolvidos na pesquisa, por meio do conteúdo, abordamos a realidade.

Importante foi reafirmar que o idoso nunca deixa de se reinventar, de construir modos de pensar e de se comportar a partir de suas potencialidades de criação. Se na idade avançada há situações que dizem de um certo impedimento, ainda assim, é possível se projetar. Não importa se o projeto é para 30 ou 10 anos, é projeto, porque estamos dizendo de potência, de futuro!

E essa potência estende-se e intensifica-se nas situações de sofrimento – o que refuta a ladainha de envelhecimento ativo, bem-sucedido, entre tantas outras ditaduras que se impõem aos longevos da atualidade. A essa preleção tecemos uma série de reflexões com o intuito de defender que a velhice, ao invés de ameaça ou privação, pode ser tendência e ganância de vida, porque submetida, como em qualquer outra fase da vida, a desventuras em drible – abertura a novos afetos.

Os limites físicos do corpo dos idosos estudados, por vezes, possibilitaram que eles deslizassem sobre suas dores e inventassem estratégias fora de qualquer concepção preexistente - saídas curiosas que constituíram o inusitado, o artístico, a beleza fora de amostra.

É o que Tótora (2015) incentiva – um esgotar da vida em todas as suas dimensões – o que requer invenção e resistência; um constante renovar-se. E as estudantes mostraram que revestidas das especificidades do corpo envelhecido, há a possibilidade de rompimento com o seguro, com o definido – a oportunidade de arriscar-se a novos possíveis. Porque assim a vida pede e deseja.

No lugar da proibição ou estancamento do envelhecer, sugerimos a liberação da velhice para a vontade do existir, uma vivência destemida, que enfrente a dor, as

adversidades e os infortúnios como substrato de plena vida – com o estilo e a graça próprios de quem não precisa mais se aprisionar a modelos e códigos fixados.

Diferente da receita pronta que prescreve atividade, ingerimos a poção de Correa (2009) a qual ministra a aceitação do ritmo próprio da velhice - tempo em que o sujeito pode ser senhor de sua própria velocidade – e em seu aparente descompasso, cria táticas de enfrentamento à celeridade contemporânea – concebe batuques impensáveis... E porque não realizáveis?

Ao propormos que as universidades abertas da terceira deixem de tutelar o idoso e resistam ao ideário que teima em salvá-lo da velhice, acreditamos na potencialidade deste espaço enquanto força motriz para a liberação de impulsos e afetos do/no envelhecer. Foi o que demonstraram alguns idosos de nosso estudo que, ao “brincarem” de certos personagens nas atividades de dança e teatro da UATI, experimentaram a satisfação impulsiva de suas necessidades afetivas. O irrealizável no cotidiano (ou na consciência idosa) tornou-se possível por meio da ação simbólica.

Se como sugere Vigotski (2008), a afetividade é condição prévia para a imaginação e esta, por sua vez, permite libertar o sujeito de suas amarras situacionais, compreendemos que, ao liberar os idosos das mesmices e opressões próprias de nosso tempo, a UATI, diferente de uma lógica de ensino hierárquica que prescreve modos de pensar e se comportar, pode se constituir enquanto contexto privilegiado para a construção e vivência de novos/outros possíveis – contribuindo para que os idosos descubram a si mesmos, seus impulsos e motivos mais singulares e não aqueles ditados por sua generalizada condição de idosos.

A teoria de Vigotski também nos ajudou a pensar que quanto mais rica a experiência, mais rica deve ser também a imaginação, as possibilidades de criação – o estouro das estruturas. Por este motivo, acreditamos que a pessoa idosa, com seu amplo repertório de vivências, quando inserida em um grupo, onde são estabelecidas as situações sociais de desenvolvimento – apresenta privilegiado potencial para (re)combinar o vivido, constituindo novas realidades e se constituindo em um devir constante – foi o que o grupo das aprendizes da UATI nos comprovaram.

Vale dizer ainda que esse trabalho nos indica uma perspectiva sobre um refinamento e um aperfeiçoamento profissional docente junto aos idosos, a partir da abordagem teórica de Vigotski, o que seria um desdobramento de nossos estudos.

Em algumas reflexões sobre minha atividade docente percebi o quanto eu estava impregnada de pré-conceitos sobre as necessidades de mulheres idosas - apesar de toda ponderação teórica realizada, minha postura vez ou outra ainda tendeu à salvação.

Também encontrei limites para a expansão de questionamentos sobre as experiências de opressão vivenciadas pelas estudantes (passadas e atuais) as quais poderiam fomentar maior liberdade às próximas gerações. Apesar de alguns intentos e provocações, não percebi importantes transformações no sentido de uma reorganização política que apontasse para um reposicionamento delas na UATI, no mundo. Elas resistiram e eu, algumas vezes, cedi – o que aponta balizas de minha ação ao lado da necessidade de reflexão. Apesar dos entraves a novas práticas sociais, as estudantes mostraram-se em processos de elaboração – alguns visíveis, outros não. Continuo insistindo, porque entendo ser importante e porque percebo que, “à moda antiga”, as idosas moderadamente constituem distintas formas de elaborar a realidade. Há barreiras institucionais para esse trabalho além de bordas emocionais (delas e minhas) que prefiro acatar.

É de se notar que os conflitos que narrei com maior aprofundamento foram aqueles em que a minha própria subjetividade estava em realce. Relendo o trabalho na íntegra, percebo que há ainda muito a se refinar em minha ação pedagógica e em minhas observações. Talvez o vício do apaziguamento e da cooperação, especialmente quando se lida com idosos, faça com que as situações dramáticas, aquelas que eu tanto enalteci ao longo do texto, sejam por mim abafadas na prática ou simplesmente passem despercebidas.

Diferente de um adulto ou criança mais velha, sou uma mediadora (professora) mais nova que todas as estudantes da UATI - muitas delas inclusive professoras de português aposentadas – disciplina que ministro a elas. Tal relação problematiza a estrutura usual de ensino e aprendizagem e certamente contribui para uma reflexão sobre a possibilidade da UATI se constituir em espaço de reflexão sobre a perspectiva de aprendizagem tradicional - no sentido de contrapor a ideia vertical de transmissão de conhecimento à ideia horizontal de expansão da vida.

No momento, não tenho consciência e muito menos o controle dos disparos que as atividades podem ter promovido nas estudantes e que poderão despontar em tempo futuro, inesperado. Talvez os desdobramentos de nossas vivências não correspondam a nossas expectativas e nos revelem cada vez mais que lecionar para

as idosas (os) pode ser um desmonte do paradigma ensino/aprendizagem – outro desdobramento desta pesquisa.

O importante é que nosso trabalho permitiu observar que as estudantes querem aprender, cobiçam saber mais, desejam superar medos, transpor barreiras. Experimentam atividades nunca antes vivenciadas, ousam e seguem transformando aos outros e a si mesmas - mostram que estão afoitas à livre invenção de si mesmas – à “atividade”!

Sabemos que nossas considerações são apenas uma possibilidade de análise, porque envolve subjetividade e porque o tempo muda tudo de lugar – o que no caso de nosso estudo, o qual privilegia e exalta as mudanças, seria magnífico de saber. Se tomarmos conhecimento, amanhã talvez, de que as estudantes e a UATI não são mais as mesmas, a ponto de tudo o que se pensara ou falara sobre elas já não lhes serve mais. Isso só maravilhariá nossa compreensão.

Como nos lembra Featherstone (1998), não temos a pretensão de generalizar nem universalizar as afirmações e os pressupostos que defendemos aqui, porque trata-se de nossa própria experiência e o autor nos pede cuidado quando relacionamos nossa experiência pessoal com o da humanidade.

Compreendemos que não é o resultado da pesquisa o que importa, nem as nossas afirmações categóricas, que, por vezes, podem ter escorregado em nosso texto. Interessa-nos mais o processo, a prospecção de futuro que elas sinalizam, porque tal movimento legitima o devir ao invés da estação final. Se a pesquisa serviu para transformar nossas afirmações, então, está cumprida sua tarefa.

Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) sugere que o nascimento do novo acarreta a transformação do sujeito e nós apreendemos de suas palavras entrelaçadas à nossa pesquisa que, com o aparecimento da aprendiz, da atriz, da escritora – houve um deslocamento das estudantes com relação à vida, posição essa que as potencializou e as colocaram em devir, ainda que timidamente - marcas do vivido que formam e (re)formam.

Nossa proposta até aqui foi a de que o vivido na velhice não seja aquele esvaído na poeira das representações, o que tornaria o envelhecer uma existência desligada dos aspectos reais da vida cotidiana. Ao invés de uma velhice que

aparente grandiosa aos olhos do espetáculo e que agrade à lógica de consumo, sugerimos figurinos “contraprodutivos¹⁰⁰”, incomuns, inusitados, ousados - livres.

Termino esse momento de pesquisa abrindo a porta para a velhice, aquela que batera à porta no início do texto. Hoje, já com 45 anos e os cabelos brancos que não mais descolori, não temo as rugas, porque sei que elas não são freios para o bem viver. Também tenho menos medo da morte, porque entendi que se faço planos é porque tenho consciência da finitude.

E como parágrafo final, empresto a reflexão de Featherstone (1995) - “para certas pessoas o curso de vida é parte de um processo maior” (p. 7). Assim foi essa pesquisa – parte de um processo maior – o curso de minha vida até aqui. Que não cessa - nem a vida e nem minha vivência na UATI, porque há algo muito importante que eu quase me esqueço de noticiar...

Matilda já me avisara por e-mail que não vai mais cortar as aulas de teatro. Ano que vem¹⁰¹ “tô” no palco também. Elas - Antônia, Matilda e todas as que compareceram nesse trabalho - que me aguardem!

Qualquer coisa, digo que foi tudo culpa do João. E acho que foi mesmo!

¹⁰⁰ No sentido da contramão aos mecanismos de produção capitalista.

¹⁰¹ Refiro-me ao ano de 2018

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M.G.G. et al. A experiência do núcleo de bairro do programa universidade aberta à terceira idade da universidade estadual de Feira de Santana – BA: um exercício de cidadania e solidariedade, *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 9, p. 117-129, 2006.
- ALMEIDA, A.V. et al. A feminização da velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, jan./jun., p. 115-131, 2015. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/19830>>. Acesso em 27 fev. 2018.
- ALMEIDA, S.A.P.; OLIVEIRA, R.C.S. Envelhecimento digno: inserção da mulher na universidade aberta para terceira idade. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v.16, n. 5, set., p. 309-323, 2013.
- ALMEIDA, V. L. V. Velhice e projeto de vida: possibilidades e desafios. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E.F.; ARCURI, I.G. (orgs.). *Velhice, envelhecimento e complexidade*. São Paulo: Vetor, 2005, p. 93-110.
- ALVES, G.G.M. *Universidade da Terceira Idade como alternativa de resgate da cidadania idosa: análise do caso da UNIMEP*. 1997. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1997.
- ANDREWS, M. The seductiveness of agelessness. *Ageing and Society*, v. 19, n. 3, p. 301-318, 1999. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/the-seductiveness-of-agelessness/06E47CD7FD416F313A9BF588A7957285>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- ÂNGULO, M.S. Aspectos fisiológicos do envelhecimento. *Cadernos da terceira idade*. São Paulo, SESC, v. 4, p. 7-13, agosto de 1979.
- ANNES, L.M.B. et al. Perfil sociodemográfico e de saúde de idosos que participam de grupos de terceira idade em Recife. *Revista Cuidarte*, Bucaramanga: Colombia, v. 8, n. 1, p.1499-1508, 2017.
- ANTUNES, M. A. M. Materialismo histórico-dialético: fundamentos para a pesquisa em história da Psicologia. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F. *Método histórico-social na Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p. 105-117.
- ARAÚJO, L.F.S. et al. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, Vitória, Espírito Santo, v. 15, n. 3, p. 53-61, jul./set., 2013.
- ARBER, S.; GINN, J. *Relación entre género y envejecimiento: enfoque sociológico*. Madrid: Narcea, 1996.

ARDOINO, J.; BARBIER, R.; JUST-DESPRAIRIES, F. Entrevista com Cornelius Castoriadis. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, p. 50-72.

ARDOINO, J. Multiréférentielle (analyse). In: _____. *Le directeur et l'intelligence de l'organization*: Repères et notes de lectura, 1995, p. 7-9.

ARGIMON, I.L. et al. O impacto de atividades de lazer no desenvolvimento cognitivo de idosos. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 1, n. 1, jan./jun, 2004, p. 38-47. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/43>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARRUDA, I.E.A. Universidade da Terceira Idade: análise de um programa pioneiro. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 7, n. 1, jan./abr., 2010, p. 84-96. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/420>>. Acesso em 27 fev. 2017.

BARRETO, M.L. *Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.

BARROS, R. D. B.; CASTRO, A M. Terceira idade: o discurso dos experts e a produção do novo velho, *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*. Porto Alegre, v. 4, p.113-124, 2002.

BARTHES, R. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 1978.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELL, J. Serch of a Discourse on Aging: The Elderly on Television. *The Gerontologist*, v. 32, n. 3, jun., p. 305-311, 1992. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/geront/32.3.305>> Acesso em: 19 mai. 2018.

BELO, I. Velhice e mulher: vulnerabilidades e conquistas. *Revista feminismos*, v.1, n. 3, set./dez., p. 1-20, 2013. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/84/82>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

BENJAMIM, W. O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

BERLINCK, M.T. A envelhescência. In: _____. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 193-198.

BEZERRA, A.F.B.; SANTO, A.C.G.E.; BATISTA, F.M. Concepções e práticas do agente comunitário na atenção à saúde do idoso, *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 5, São Paulo, out., 2005, p. 809-815. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000500017>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

BEZERRA, P. V.; BALDIN, T.; JUSTO, J. S. Oficinas de Psicologia com idosos e as possibilidades de ressignificações do presente e futuro, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 3, p. 433-455, 2015.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, E. *Memória e Sociedade – lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das letras, 1994.

BRANDÃO, C. R.; CAMPOS, M. M.; DEMO, P. Quais as questões básicas hoje para uma pesquisa participante? *Em aberto*. Brasília, v. 3, n. 20, abr., 1984, p.13-23.

Disponível em:

<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1496/1471>>. Acesso em: 19 mai. 2005.

BRANDÃO, V.M.T. *Longevidade e espiritualidade – narrativas autobiográficas*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2011.

BRANDÃO, V.M.T. et al. Gerontologia: estado da arte, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 12, 2009, p. 100-126.

BRANDÃO, V.M.T. *Labirintos da memória: quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

BRASIL, Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, que cria o *Estatuto do Idoso* e dá outras providências.

BRASIL, Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a *Política Nacional do Idoso*.

BISSOLI, M.F. Educação e desenvolvimento da personalidade da criança: contribuições da teoria histórico-cultural. 2005. 281 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2005.

BÚFALLO, K.S. Aprender na terceira idade: educação permanente e velhice bem-sucedida como promoção da saúde mental do idoso, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 16, n. 3, jun., p. 195-212, 2013.

BULSING, F. L. et al. A influência dos grupos de convivência sobre a autoestima das mulheres idosas do município de Santa Cruz do Sul – RS, *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 4, n. 1, jan./jun., p. 11-17, 2007. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/112>>. Acesso em 08 fev. 2018.

CACHIONI, M. Universidade aberta da terceira idade: história e pesquisa. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v.15, n. 7, p. 01-08, 2012a.

CACHIONI, M. Universidades Abertas à Terceira Idade como contextos de convivência e aprendizagem: implicações para o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v.15, n. 7, dez., p. 23-32, 2012b.

CACHIONI, M. Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a terceira idade: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco.

1998. 104f. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253522>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

CACHIONI, M.; AGUILAR, L.H. Crenças em relação à velhice entre alunos da graduação, funcionários e coordenadores professores envolvidos com as demandas da velhice em universidades brasileiras. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 11, n. 2, dez., 2008, p. 95-119. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2395>>. Acesso em: 1 mai. 2018.

CACHIONI, M.; BATISTONI, S.S.T. Bem-estar subjetivo e psicológico na velhice sob a perspectiva do conviver e do aprender. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 7, dez., 2012, p. 09-22. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15226>. Acesso em: 08 fev. 2018.

CACHIONI, M. et al. Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma universidade aberta à terceira idade, *Educação & Realidade*, v. 40, n. 1, jan./mar., p. 81-103, 2015.

CACHIONI, M. et al. O impacto da participação em Universidade Aberta à Terceira Idade no desempenho cognitivo. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 7, dez., p. 71-87, 2012.

CACHIONI, M; ORDONEZ, T. N. Motivos para frequentar um programa de educação permanente: relato dos alunos da universidade aberta à terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*, v.14, n.3, p. 461-474, 2011.

CAMARANO, Ana Amélia. *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAMARGO, K.; VERAS, R. P. Idosos e universidade: parceria para qualidade de vida. In: ____ (orgs.). *Terceira Idade: Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, UNATI/UERJ, 1995, p. 11-27.

CANÔAS, C.S. *A condição humana do velho*. São Paulo: Cortez editora, 1981.

CARLOS, S. A. et al. Identidade, aposentadoria e terceira idade, *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 1, p. 77-89, 1999.

CASAGRANDE, G. H. J.; SILVA, M. F.; CARPES, P. B. M. Qualidade de vida e incidência de depressão em idosas que frequentam grupos de terceira idade. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 10, n. 1, jan./abr., p. 52-65, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.2940>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CHAIKLIN, S. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino, *Psicologia em Estudo*. Maringá, v.16, n.4, p. 659-675, 2011.

CÍCERO, M. T. *Catão-o-velho ou da velhice*. Trad. Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Edições Cotovia, 1998.

- COLASANTI, M. *Hora de alimentar serpentes*. São Paulo: Global editora, 2013.
- COLELLO, S.M.G. A Construção do Conhecimento no Ensino da Língua Escrita: da Teoria à Prática, *Revista Internacional d'Humanitats*, n.13, São Paulo/Barcelona: Mandruvá, 2007
- CORDEIRO, F. R.; PINHEIRO, M. S.; CORREIO, D. A. C. Sobre o envelhecimento, a mídia e a morte no contemporâneo, *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*. Porto Alegre, v.20, n.3, p. 975-990, 2015.
- CORREA, M.R. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- CORTE, B.; BRANDÃO, V. Arte e criatividade – Caminhos para a Longevidade, *Revista portal de divulgação*, n.16, nov., p. 1-6, 2011. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/200/200>> . Acesso em: 31 mai. 2018.
- CUMMING, E. e HENRY, W. *Growing old: the Process of disengagement*. New York: Basic Books, 1961.
- DANTAS, S. G. “*Põe alegria na sua cara que você fica nova*”: o discurso sobre a velhice nos documentários Envelhescência e Muitos anos de vida. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT 2 - Comunicação, consumo e identidade: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas do 6º Encontro de GTs de PósGraduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016. Disponível em: http://anais-comunicon2016.espm.br/GTs/GTPOS/GT6/GT06-SILVIA_DANTAS.pdf. Acesso em 15 ago. 2017.
- DEBERT, G. G. e BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 80, p. 37-54, out. 2012.
- DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor, *Horizontes antropológicos*, v. 16, n. 34, p. 49-70, jul/dez. 2010.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.
- DEBERT, G. G. O velho na propaganda, *Cadernos Pagu*, n. 21, p.133-155, 2003. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200007>>. Acesso em: 21 set. 2018.
- DEBERT, G. G. Velhice e o curso da vida pós-moderno, *Revista USP*, n. 42, p. 70-83, jun./ago. 1999.
- DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação com as formas de consumo e demandas políticas, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.12, n. 34, p. 39-56, jun. 1997.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Editora Atlas, 1985.
- DEMO, P. *Metodologia em ciências sociais*. 3.ed., São Paulo: Atlas, 1995.

- DEPP, C.; JESTE, D. Definitions and predictors of successful aging: A comprehensive review of larger. *American Journal of Geriatric Psychiatry*, v. 14, n. 1, p. 6-20, 2006. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16407577>> Acesso em: 27 fev. 2018.
- DI GIANNI, V. M. P.; SOARES, N. UNATI/FRANCA: construindo cidadania na era do envelhecimento. In: SOARES, N.; FILHO, M.J. (orgs.). *UNATI – construindo cidadania*. Franca: UNESP, 2008, p. 11-24.
- DOLL, J. Bem estar na velhice – mitos, verdades e discursos, ou a gerontologia da pós- modernidade, *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, p. 9-21, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/60>. Acesso em: 08 fev. 2018.
- DOTTORI, K. Talleres socioeducativos. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, p. 01-16, 2015.
- MOURA, M. M.D.; VERAS, R. P. Acompanhamento do envelhecimento humano em centro de convivência, *Physis - Revista de Saúde Coletiva*, v. 27, n. 1, p. 19-39, 2017.
- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer*. Trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- ELTZ, G.D. et al. Panorama Atual das Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 17, n. 4, p. 83-94, dez. 2014.
- FEATHERSTONE, M. A velhice e o envelhecimento na pós-modernidade, *A terceira idade*. São Paulo: SESI, ano X, n.14, p. 5-17, ago.1998.
- FEATHERSTONE, M. e WERNICK, A. *Images of Aging – Cultural Representations of Later Life*. London/New York, Routledge, 1995.
- FÉLIX, L. B.; SANTOS, M.F.S. A velhice na mídia escrita: um estudo em representações sociais. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 8, n. 3, p. 363-374, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/1541>>. Acesso em: 31 mai. 2018.
- FERNANDES, M. G. M.; GARCIA, L. G. O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.19, n.4, p.771-783, 2010.
- FERREIRA, M.G. et al. Desconstruindo a imagem do idoso nos meios midiáticos. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 17, n. 4, p. 211-223, 2014.
- FIGUEIREDO, M. L. F. et al. As diferenças de gênero na velhice. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.60, n. 4, p. 422-427, jul.-ago. 2007.
- FIGUEIREDO, P.A.M.; POIATTI, M.L.; OLIANI, M. M. UNATI – UNESP: Uma proposta de sucesso. In: SOARES, N.; FILHO, M. J. (Orgs.). *UNATI – construindo cidadania*. Franca: UNESP – FHDSS, 2008, p. 227-236.

FODRA, R.E.P. et al. Metodologia de pesquisa qualitativa em saúde mental: a abordagem dialética. In: CONSTANTINO, E. P. (Org.) *Percursos da pesquisa qualitativa em Psicologia*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007, p.79-101.

FOUCAULT, M. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 251-278.

FILHO, J.F. *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREITAS, M.T.A. A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa, *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 21-39, 2002.

FRUTUOSO, D.L.F. *A 3ª Idade na Universidade: relacionamentos entre gerações no 3º milênio*. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 1999.

GAGLIETTI, M.; BARBOSA, M. H. S. Que idade tem a velhice? *RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 136-148, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/131>>. Acesso em: 21 set. 2018.

GAMBURGO, L.J.L; MONTEIRO, M.I.B. Envelhecimento e linguagem: algumas reflexões sobre aspectos cognitivos na velhice, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 10, n. 1, p. 35-49, jun. 2007.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 1. ed. 13. reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, H. Educação gerontológica na contemporaneidade: a gerontagogia, as universidades de terceira idade e os nativos digitais, *RBCEH, Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. Passo Fundo, v. 12, n. 3, p. 212-233, set./dez., 2015. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/6005>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

GILBERT, K.R. Introduction: why are we interested in emotions? In: ____ (ed.) *The Emotional Nature of Qualitative Research*. Innovations of Psychology. CRC Press, 2001, p. 3-17.

GLASS, T. Assessing the success of successful aging, *Annals Internal Medicine*, n. 139, p. 382-383, 2003. Disponível em: <<http://annals.org/aim/article-abstract/1136293/assessing-success-successful-aging>> > Acesso em: 10 jan. 2019.

GOLDENBERG, M. *A bela velhice*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GONÇALVES, C. D. Envelhecimento bem-sucedido, envelhecimento produtivo e envelhecimento ativo: reflexões, *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.645-657, 2015.

GRACIA, T. I. ¿Fondear en la objetividad o navegar hacia el placer? *Athenea Digital*, p. 31-37, abr. 2017. Disponível em: <http://atheneadigital.net/article/view/n0-ibanez/3-pdf-es>. Acesso em: 26 dez. 2017.

GUIMARÃES, R. M. Ciência, tempo e vida, *Arquivos de Geriatria e Gerontologia*, v. 1, p.7-9, 1997.

GURGEL, A. A coexistência entre passado e presente na duração de Henri Bergson, *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 6, n. 9, p. 74-84, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/10086>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

GUSMÃO, N. M. M. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In: NERI, A.L. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

HADDAD, E.G.M. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.

HALLEY, G.F.A. importância de experimentar o ócio para os idosos que se aposentam na hipermodernidade. In: *VII Seminário do ócio e contemporaneidade*, 2013, Fortaleza. Anais, UNIFOR, 2013. Disponível em <http://www.otium.net.br/index.php/2016-10-25-15-12-54/anais-do-seminario-ocio-e-contemporaneidade-2013?id=44>. Acesso em 02 nov. 2017.

HARVEY D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2001.

INOUE, K. et al. Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso, *Educação e pesquisa*, v. 44, p. 1-19, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-S1678-4634201708142931.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2018.

IRIGAY, T. Q.; SCHNEIDER, R. H. Participação de idosas em uma universidade da terceira idade: motivos e mudanças ocorridas, *Psicologia, teoria e pesquisa*, v. 24, n.2, Brasília, p.211-216, abr./jun. 2008.

JASKILEVICH, J.; LOPES, M.; PEPA, M. J. El entrenamiento cognitivo: Hacia una intervención gerontológica positiva. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 21, p.155-167, 2015.

NETO, E.A.J.; CUNHA, G.L. Teorias biológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E. et al. (orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 13-22.

JONES, R.L. Older people talking as if they are not older people: positioning theory as an explanation, *Journal of Aging Studies*, v. 20, n. 1, p. 79-91, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2004.12.003>. Acesso em: 19 mai. 2018.

JUSTO, J.S.; ROZENDO, A.S.; CORREA, M.R. *O idoso como protagonista social*. São Paulo: SESC, v. 21, n. 48, p. 39-53, jul. 2010. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/online/artigo/6403_O+IDOSO+COMO+PROTAGONISTA+SOCIAL#/tagcloud=lista. Acessado em: 31/01/2016.

JUSTO, J.S.; ROZENDO, A.S. Velhice e terceira idade: tempo, espaço e subjetividade. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 14, n. 2, São Paulo, p.43-159, 2011.

KIELING, C. et. al. Bases biológicas do envelhecimento cognitivo. In: PARENTE, M.A.M.P. (Org.) *Cognição e envelhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KISSAKI, P.T. et al. O impacto da participação em Universidade Aberta à Terceira Idade no desempenho cognitivo, *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v.15, n. 7, p. 71-87, dez. 2012.

LACERDA, S. M. *Universidade aberta da terceira idade: representações da velhice*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). 2009. 94p. Programa de Estudos Pós Graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LEIBING, A. Olhando para trás: os dois nascimentos da doença de Alzheimer e a senilidade no Brasil, *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v.1, p. 37-56, 1999.

LIMA, M. P. *Gerontologia educacional: Uma pedagogia específica para idosos uma nova concepção de velhice*. São Paulo: Terra, 2000.

LIMA, M.P. Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: KACHAR, V. (org.) *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-26.

LIMA, M.A. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: UNATI/UERJ. In: VERAS, R.P. et al. (org.) *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UERJ, UNATI, 2001, p. 33-98.

LISBOA, T. K.; VIEIRA, C. O processo de empoderamento de idosas integrantes do núcleo de estudos da terceira idade da UFSC. *Extensio*, v. 10, n. 15, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2013v10n15p91>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

LYOTARD, J.F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 2002.

LOLLI, M.C.G.S.; LOLLI, L.F.; MAIO, E.R. Universidade aberta à terceira idade: uma tentativa de emancipação, *Revista LABOR*, n. 12, v.1, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6579>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

LOMBARDO, E.; POLIZZI, L. Ocio y Aprendizaje. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 21, p. 59-69, 2015.

LOPES, M.J.; ARAÚJO, J L.; NASCIMENTO, E.G.C. O envelhecimento e a qualidade de vida: a influência das experiências individuais, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 19, n. 2, p. 181-199, abr/jun. 2016.

LOURAU, R. Genèse du concept d'implication, *Pour*, n. 88, p. 12-18, 1983.

LOURES, M.C.; ALENCAR, J.; GOMES, L. Universidades abertas da terceira idade, *História da Educação*, Pelotas, v. 9, n. 17, p. 119-135, abr. 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29204>. Acesso em: 31 mai. 2018.

MACEDO, R.S. *Etnopesquisa crítica - etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro, 2010.

MARTINS, E.J.S. De volta à Escola: *Investindo em uma proposta de Universidade Aberta à Terceira Idade*. 1997. 220f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.

- MARTINS, J.B. Análise institucional e a questão da implicação, *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 488-499, jan. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/11442/12655>>. Acesso em: 08 fev. 2018.
- MARTINS, J.B. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais, *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, p.85-94, maio/jun/jul/ago, 2004.
- MARTINS, J.B. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar, *Semina: Ciências Sociais e Humanas*. Londrina, v. 17, n. 3, p. 266-273, set. 1996. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/9472/8263>>. Acesso em: 08 fev. 2018.
- MARTINS, J.B. Marolas antropológicas: identidades em mudança na Praia do Santinho. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), 1995. 241f. Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.
- MARTINS, J.B.; PALMIERI, M.W.A.R. Possibilidades e desafios da produção científica no campo da psicologia: algumas reflexões, *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 743-752, out./dez. 2008.
- MARTINS, J.C.O.; GURGEL, L.I. Aposentação: um tempo para o desenvolvimento pessoal do idoso. In: *VII Seminário do ócio e contemporaneidade*, 2013, Fortaleza. Anais, UNIFOR, 2013. Disponível em <http://www.otium.net.br/index.php/2016-10-25-15-12-54/anais-do-seminario-ocio-e-contemporaneidade-2013?id=44>. Acesso em 02 nov. 2017.
- MARTINS, S.C. Relato de uma experiência de ensino de língua italiana para a terceira idade: desconstruindo concepções e arquitetando uma nova visão de mundo, *Trabalhos em linguística aplicada*. v. 56, n.1, Campinas, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/010318135182200381>>. Acesso em: 21 dez. 2017.
- MELLO, S.A.; LUGLE, A.M.C. Formação de professores: implicações pedagógicas da teoria histórico-cultural, *Revista Contrapontos*, v. 14, n. 2, mai./ago. 2014. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/4763>>. Acesso em: 21 dez. 2017.
- MERCADANTE, E.F. A velhice: culturas diversas, temporalidades distintas, *A terceira idade*. São Paulo: SESI, ano X, n.14, p.20-30, ago.1998.
- MERCADANTE, E.F. Velhice: uma questão complexa. In: ARCURI, B.; CÔRTE, B.; MERCADANTE, E.F. (org.) *Velhice e envelhecimento – complexidade*. São Paulo: Vetor, 2005, p.23-34.
- MERCADANTE, E.F.; BRANDÃO, V.M.A.T.B. *Envelhecimento ou longevidade?* São Paulo: Paulus, 2009.
- MINAYO, M.C.S.; COIMBRA Jr., C.E.A. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento, *Antropologia, saúde e envelhecimento*, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, p. 11-24. E-book. Disponível em:

<<http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043-02.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

MONTEIRO, C.M.B.; MONTEIRO, M.I.B.; CAMARGO, F.M. O velho e os outros - memória, cuidado e qualidade de vida, *Revista Portal de Divulgação*, n.41, n. IV. p. 42-51, jun./jul./ago. 2014. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/460/497>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MONTEIRO, C.M.B. Reflexões de uma octogenária a partir da leitura de artigos sobre envelhecimento, *Revista Portal de Divulgação*, n.3, p. 57-62, out. 2010. Disponível em: <<https://portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/74/74>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MONTEIRO, P.P. Somos velhos porque o tempo não para. In: ARCURI, B.; CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F. (Orgs.) *Velhice e envelhecimento – complexidade*. São Paulo: Vetor, 2005, p.57-82.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F.N.N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade, *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 59-79, jan./mar. 2008.

MOTTA, A.B. As velhas também, *Ex aequo*, Vila Franca de Xira, n. 23, p. 13-21, 2011.

MOTTA, A.B. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, E.V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 78-82.

MOTTA, A.B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento, *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, v.13, p.191-221, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327>>. Acesso em: 21 set. 2018.

NERI, A.L. O Legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento, *Temas em Psicologia*, v. 14, n. 1, p.17-34, 2006.

NERI, A.L. *Envelhecimento e qualidade de vida na mulher*. In: Congresso Paulista de Geriatria e Gerontologia, 2001. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/artigos/maio2007/2congresso.pdf>> . Acesso em: 08 ago. 2017.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

NETTO, M.P. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. et al. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan, 2002, p. 2-12.

NICODEMO, D.; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas, *Revista Ciência em Extensão*, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em:

<http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/324/341>. Acesso em: 22 set. 2017.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Lisboa: Guimarães, 1996.

NOGUEIRA, W.B.S.; MARTINS, C.D. O lazer na terceira idade e sua contribuição para uma melhor qualidade de vida: um estudo com idosos institucionalizados, *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, v. 5, n. 2, jul., 2017. Disponível em: <<http://jornal.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/228>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

NUNES, A.T.G.L.; PEIXOTO, C. *Perfil dos Alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade*. Relatório de Pesquisa. Faculdade de Serviço Social/UERJ, 1994.

NUNES, A.T.G.L. Serviço social e universidade aberta da Terceira idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos, *Textos sobre envelhecimento*, n. 5, v. 3, p. 41-66, 2001.

OLIVEIRA R. C.S.; OLIVEIRA, F.S. Ressignificando a Velhice: a Universidade Aberta para a Terceira Idade na Universidade Estadual de Ponta Grossa, *Interagir: pensando a extensão*. Rio de Janeiro, n. 10, p. 103-108, ago./dez. 2006.

OLIVEIRA, R.C.; SCORTEGAGNA, P.A.; OLIVEIRA, F.S. Mudanças sociais e saberes: o papel da educação na terceira idade, *RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 6, n. 3, p. 382, 2009. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/278>. Acesso em: 21 ago. 2018.

OLIVEIRA, R.C.; SCORTEGAGNA, P.A.; OLIVEIRA, F.S. Universidades abertas à terceira idade: delienando um novo espaço educacional para o idoso, *Revista HISTEDBR*. Campinas, n. 64, p. 343-358, set 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641945>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

OLIVEIRA, R.C.M. (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica, *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, vol. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059/730>> Acesso em: 27 fev. 2017.

ORDONEZ, T.N.; CACHIONI, M. A boa velhice entre os participantes de um programa de educação permanente, *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 7, p. 181-194, dez. 2012.

ORIDOZZI, R. et al. O programa “UNATI” da Unioeste/campus de Toledo: construindo a cidadania do idoso. In: Anais do 2º seminário nacional estado e políticas sociais do Brasil, Unioeste: Cascavel, 2005.

PAIVA, V.M.B. A Velhice como fase do desenvolvimento humano, *Revista de Psicologia*, v. 4, n. 1, p.15-23, 1986.

PALMA, L.T.S. *Educação permanente e qualidade de vida*: indicativos para uma velhice bem-sucedida. Passo Fundo: UPF Editora, 2000.

PAPALIA, D.E., OLDS, S.W.; FELDMAN, R.D. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEIXOTO C. De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, R. *Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1997.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M.M.L. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 69-84.

PEREIRA, A.A.S.; COUTO, V.V.D.; COMIN, F.S. Motivações de idosos para participação no programa Universidade Aberta à Terceira Idade, *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, Florianópolis, v.16, n. 2, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902015000200011>. Acesso em: 31 mai. 2018.

PEREIRA, E.T. *A terceira idade na universidade aberta – navegando, buscando, aprendendo em um mar sem fim*. Tese (Doutorado em Linguística). 229f. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PERISSINOTTO, R. Poder: imposição ou consenso ilusório? Por um retorno a Max Weber. In: FREIRE N.R. (Org.). *O poder no pensamento social*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 29-58.

PEREIRA, E.T. *O idoso e o aprendizado de uma nova língua: o descortinar de trocas sociais e afetivas*. Dissertação. (Mestrado em Gerontologia Social). 2005. 225f. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

RAPPORT, L. *Personality Development: The Chronology of Experience*. Illinois: Scott, Foresman and Company, 1972.

RILEY M.W.; RILEY, J.W.Jr. Age integration and the lives of older people, *The Gerontologist*, v. 34, n. 1, p. 110-115, 1994. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8150298>>. Acesso em: 19 mai. 2018

RODRIGUES, L.S.; SOARES, G.A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea, *Revista Ágora*, Vitória, n.4, p. 1-29, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901/1413>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

ROLDÃO, F.D. Aprendizagem contínua de adulto-idosos e qualidade de vida: refletindo sobre possibilidades em atividades de extensão nas universidades, *RBCEH Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 61-73, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/147>>. Acesso em: 27 de jan. 2017.

ROSA, M. *Psicologia evolutiva: psicologia da idade adulta*. Petrópolis: Vozes, 1982.

ROWE, J.; KAHN, R. Successful aging, *The Gerontologist*, v. 37, n. 4, p. 433-440, 1997. Disponível em: <<https://academic.oup.com/gerontologist/article/37/4/433/611033>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

ROZENDO, A.S. *Protagonismo político e social na velhice*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014.

SANTOS, C.M.V. et al. A temática da velhice em pinturas expressionistas, *Revista Kairós Gerontologia*, v.18, n. 3, p. 123-136, jul.-set. 2015.

SANTOS, E.S. Perfil sociodemográfico e situação de saúde de idosos em oficina de qualidade de vida, *Memorialidades*, n. 25, jan./jun. e n. 26, jul./dez. p. 141-158, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/memorialidades/article/view/1420>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

SANTOS, K. J. Experiências de ócio na terceira idade: “trampolins” para um mergulho em ânimos positivos. In: VII Seminário do ócio e contemporaneidade. *Anais*. Disponível em: <<http://www.otium.net.br/index.php/2016-10-25-15-12-54/anais-do-seminario-ocio-e-contemporaneidade-2013?id=44>>. Acessado em 02 nov. 2017.

SANTOS, M.C.B. et al. A Importância dos cinco sentidos para a memória dos idosos: um relato de experiência, *Memorialidades*, n. 25, jan./jun. e n. 26, jul./dez., p. 7-10, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/memorialidades/article/view/1421>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

SANTOS. S.S.C. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental, *Revista Rene*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 88-94, jul./dez. 2001.

SCHNEIDER, R.H.; IRIGARAY, T.Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais, *Estudos em psicologia*, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008.

SALIS, V.D.; SUCUPIRA G.; MARTINS, C. O tempo da envelhescência. In: *VII Seminário do ócio e contemporaneidade. Anais*. Disponível em <<http://www.otium.net.br/index.php/2016-10-25-15-12-54/anais-do-seminario-ocio-e-contemporaneidade-2013?id=45>>. Acesso em 02 nov. 2017.

SILVA, M.O.S. *Refletindo a pesquisa participante*. São Paulo, Cortez, 1986.

SILVA, N.R.; MARTINS, S.T.F. *Método histórico-social na Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p. 105-117.

SILVA, L.R.F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento, *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan./mar. 2008.

SILVEIRA, M.; BENTO, V.A. Síndrome Normal da Velhice: Uma Abordagem Biopsicossocial e uma Proposta Psicoterápica, *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 4, p. 133-41, out./dez.1982.

SIMÕES, R. *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso*. Piracicaba: Editora da Unimep, 1998.

SIQUEIRA, C.L.O. *Broa prosa – um registro de narrativas orais*. Bauru, Canal 6, 2010.

SIQUEIRA, C.L.O. A importância do cuidador na retomada das histórias de vida do idoso. In: *Cuidadores informais de pessoas idosas: caminhos de mudança*. SOUZA, Dayse Neri de e RUA, Marília Santos. Aveiro: UA Editora, 2013, p. 76-80.

SKINNER, B.F.; VAUGHAN M.E. *Enjoy Old Age - a Program for Self-Management*. New York: W. W. Norton e Co., 1983.

SOBRAL, B. O trabalho educativo na terceira idade. Uma incursão teórico-metodológica, *Textos sobre envelhecimento*. UNATI/UERJ, v.3, n.5, p.67-91, 2001.

SOUZA, V.C.P.; PAMPLONA, R.B.; FIXINA, E.B. Universidade aberta à terceira idade (UNATI): influência sobre o envelhecimento e qualidade de vida. In: Congresso nacional de envelhecimento humano. *Anais*. Fortaleza, v. 1, 2016.

SOUZA, N.R. et al. Análise das mudanças psicossociais de idosos participantes de um programa de universidade para terceira idade, *Ciência et Praxis*, v. 7, n. 13, 2014.

STANO, R.C.M.T. Espaço escolar: um tempo de ser-na-velhice. In: KACHAR, V. (org.) *Longevidade de um novo desafio na educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 155-168.

STRAWBRIDGE, W; WALLHAGEN, M.; COHEN, R. Successful aging and well-being: Self-rated compared with Rowe and Kahn, *The Gerontologist*, p. 42, n. 6, p. 727-733, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/geront/42.6.727>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

HAMILTON, I.S. *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TÁNNUS, R.A. et al. Envelhecimento saudável – promoção da saúde. In: III Congresso de Ensino, Pesquisa e extensão da Universidade Estadual de Goiás – Inovação, inclusão social e direitos. *Anais*. Pirenópolis, 2016.

TAQUETTE, S.R. Análise de dados de pesquisa qualitativa em saúde, *Investigação qualitativa em saúde*, v.2, 2016. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/790>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

TEIXEIRA, I.N.D.O.; NERI, A.L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida, *Psicologia USP*, v.19, n.1, São Paulo, p.81-94, jan./mar., 2008.

TEIXEIRA, S.M.O. et al. Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade, *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*. Porto Alegre, v.20, n.2, p.503-515, 2015.

TÓTORA, S. *Velhice: uma estética da existência*. São Paulo: EDUC:FAPESP, 2015.

- TÓTORA, S. Envelhecimento ativo: proveniências e modulação da subjetividade, *Revista Kairós Gerontologia*, v.20, n. 1, p. 239-258, 2017.
- UNICOVISKY, M.A.R. A educação como meio para vencer desafios impostos aos idosos, *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 57, n. 2, p. 241-243, mar./abr. 2004.
- VALDÉS, S.E.C. ¿Es la vejez lo que se dice de ella? *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 4, p. 11-22, ago. 2012.
- VARGAS, H.S. *Psicologia do envelhecimento*. São Paulo: Fundo Editorial BYK-Prociencx, 1983.
- VELOZ, M.C.T.; SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento, *Psicologia, reflexões e críticas*, Porto Alegre , v.12, n.2, 1999.
- VERAS, R.P. Desafios e conquistas advindas da longevidade da população: o setor de saúde e as suas necessárias transformações. In: ____ (Org.) *Velhice numa perspectiva de envelhecimento saudável*, Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p.11-32.
- VERAS, R.P. *País Jovem com Cabelos Brancos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- VERAS, R.P. A novidade da agenda social contemporânea: a inclusão do cidadão de mais idade, *A Terceira Idade*, SESC, São Paulo, v.14, n. 28, p. 6-29, set. 2003.
- VERAS, R.P.; MOURA, M.M.D. Acompanhamento do envelhecimento humano em centro de convivência, *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 19-39, 2017.
- VERESOV, N. Forgotten Methodology: Vygotsky's case. In: TOOMELA; A.; VALSINER, J. (Eds.). *Methodology thinking in psychology: 60 years gone astray?* Charlotte: Information Age, 2010, p. 267-295.
- VERESOV, N. The Concept of Perekhivanie in Cultural-Historical Theory: Content and Contexts. In: FLEER, M. et al. (eds.) *Perekhivanie, Emotions and Subjectivity, Perspectives in Cultural-Historical Research*. Springer Nature Singapore Pte Ltd. 2017, p. 47-70.
- VIEIRA, Y.O. et al. Estereótipos dos idosos retratados nos Desenhos Animados da filmografia ocidental, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 19, n. 3, p. 91-112, jul.-set. 2016.
- VIGOTSKI, L.S. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia, *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 1935/2010.
- VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância – ensaio psicológico: livro para professores*. São Paulo: Ática, 1930/2009.
- VIGOTSKI, L.S. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Zoia Prestes (Trad.), *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, n.8, p. 23-36, 1933/2008.

VIGOTSKI, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, L.S. Método de Investigación. In: ____ *Obras escogidas III: História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Madrid: Visor, 1931/1995a, p. 47-96.

VYGOTSKI, L.S. Análise de las funciones psíquicas superiores. In: ____ *Obras escogidas III: História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Madrid: Visor, 1931/1995b, p. 97-120.

VYGOTSKI, L.S. Estructura de las funciones psíquicas superiores. In: ____ *Obras escogidas III: História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Madrid: Visor, 1931/1995c, p. 139-168.

VYGOTSKI, L. S. Paidología del adolescente. In: ____ *Obras escogidas IV. Psicología infantil*. Madrid: Visor, 1930-1931/1996, p. 9-248.

VYGOTSKI, L.S. El problema de la edad. In: ____ *Obras escogidas IV. Psicología infantil*. Madrid: Visor, 1932-1934/1996a, p. 251-273.

VYGOTSKI, L. S. La crisis de los siete años. In: *Obras escogidas IV. Psicología infantil*. Madrid: Visor, 1932-1934/1996b. p. 377-386.

WEBBER, F.; CELICH, L.S. As contribuições da universidade aberta para a terceira idade no envelhecimento saudável, *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*, Porto Alegre, v. 12, p. 127-142, 2007.

ZANELLA, A.V. et al. Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia, *Psicologia & Sociedade*. v.19, n. 2, p. 25-33, 2007.

ZUBEN, N.A.V. Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o significado da finitude. In: NERI, A.L. (Org.) *Maturidade e velhice - trajetórias individuais e socioculturais*, Campinas - SP: Papirus, 2003, p. 151-182.